

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”
INSTITUTO DE ARTES

FERNANDA APARECIDA OTAVIANO

**OS JOGOS E A IMPROVISACÃO NO TEATRO: Uma
sensibilização crítica sobre a violência entre estudantes**

São Paulo

2024

FERNANDA APARECIDA OTAVIANO

**OS JOGOS E A IMPROVISACÃO NO TEATRO: Uma
sensibilização crítica sobre a violência entre estudantes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como exigência parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Arte-Teatro,
sob orientação da Prof^a. Dra. Lilian Freitas Vilela.

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

O87j Otaviano, Fernanda Aparecida (Fernanda Otaviano), 1982-

Os jogos e a improvisação no teatro : uma sensibilização crítica sobre
a violência entre estudantes / Fernanda Aparecida Otaviano. -- São Paulo,
2024.

50 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Freitas Vilela.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Teatro na educação. 2. Teatro escolar. 3. Escolas - Exercícios e
jogos. 4. Improvisação (Representação teatral). 5. Estudantes do ensino
fundamental. 6. Violência - Aspectos sociais. I. Vilela, Lilian Freitas. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 792.07

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

FERNANDA APARECIDA OTAVIANO

**OS JOGOS E A IMPROVISACÃO NO TEATRO: UMA SENSIBILIZAÇÃO
CRÍTICA SOBRE A VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciada em Arte-Teatro, sob orientação da Prof^a. Dra. Lilian Freitas Vilela.

Data de defesa: 29/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Lilian Freitas Vilela - Unesp

Orientadora

Prof^a Dra. Denise Pereira Rachel - Unesp

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos estudantes da escola Ernesto de Moraes Leme, pois através das oficinas com eles, pude aprender a observar, a fazer perguntas, a desconfiar das minhas afirmações e apostar minhas fichas nos jogos teatrais e de improviso como uma ponte para um diálogo em busca de conexão, sensibilização e criação.

Agradeço ao professor de artes da turma do Fundamental II do Ernesto, com quem compartilhei algumas aulas de teatro, pelas trocas, parceria e por tornar tudo mais leve e divertido.

Agradeço à minha mãe e à minha tia Vitória, que mesmo com muita saudade, respeitam meu breve afastamento, para que eu possa dedicar um tempo necessário aos estudos e ao meu trabalho.

Agradeço minha querida prima Flavia Bohone, que não está mais aqui neste plano, mas que carrego em minha memória e em meu coração, com muita saudade e pesar por sua partida, e a quem também serei eternamente grata por todo apoio e confiança.

Agradeço à minha prima Fabiana Biazetto, por todo acolhimento e fé em mim ao longo de toda minha caminhada.

Agradeço à Susana, colega de curso, por ter me auxiliado em alguns momentos deste processo, com questões técnicas do TCC, e por ter me estimulando a não desistir.

Agradeço aos amigos do Atocontínuo, cia de teatro da qual faço parte, por insistirem com todas as forças para que eu não desistisse do teatro, quando tive medo e julguei que certas oportunidades não eram para mim.

Agradeço meu companheiro Célio, por compreender que a dedicação aos meus estudos é uma questão de prioridade.

Agradeço ao Professor e Doutor Flávio Vieira de Melo pelas provocações nas aulas de pedagogia do teatro e por apresentar o documentário da artista norte-americana Viola Spolin.

Agradeço à Professora Doutora Denise Pereira Rachel pelas aulas que abriram portas para experimentar diferentes pedagogias do teatro, contribuindo para que pudesse reforçar a importância da escolha do caminho que tenho trilhado.

Agradeço à Professora Renata Fernandes dos Santos pela indicação de um dos principais materiais que serviu como base teórica para o meu TCC, o livro Topologia da Violência, de Byung - Chul Han.

E, por fim, agradeço à Professora Doutora Lilian Freitas Avelar pela orientação respeitosa, pela sabedoria e conhecimentos compartilhados, além da paciência, bom humor e generosidade ao longo do processo de construção deste trabalho.

“A capacidade pessoal para se envolver com os problemas do jogo e o esforço despendido para lidar com os múltiplos estímulos que ele provoca, determinam a extensão do crescimento.” (Spolin, 2010, p.5)

RESUMO

O trabalho em questão tem como objetivo compreender se a prática dos jogos teatrais e de improviso, dentro do ambiente escolar, podem colaborar para o despertar da consciência e sensibilizar criticamente quanto às questões de naturalização da violência entre os estudantes e nas proposições de cenas trazidas nas aulas. Ao começar a dar aulas de teatro, tanto para crianças do Fundamental I quanto para adolescentes do Fundamental II na Escola Municipal Professor Ernesto de Moraes Leme, percebi que há certa recorrência no uso da violência nas improvisações, como única forma de tentar resolver diferentes situações de conflitos apresentadas. São quadros com brigas domésticas, histórias de traição, problemas familiares, assaltos, entre outras circunstâncias cotidianas, nas quais a violência aparece, principalmente, através de reprodução de assassinato por arma de fogo, ocorrência de linchamento público e ofensas verbais. Durante a atividade teatral, busco não interromper, sem a intenção de censurar ou impedir que a representação da violência seja exposta, afinal, o teatro é um espaço para tratar de situações reais, liberar as emoções e representar diferentes contextos sociais. O que questiono, é a ausência de um caráter mais crítico quanto a estas manifestações. Assim, visando estimular a reflexão quanto às escolhas das cenas, tomei como base os jogos teatrais e de improvisação da artista norte-americana Viola Spolin, com a finalidade de desenvolver maior possibilidade de conexão e diálogo entre eles e de compreender se as práticas artístico pedagógicas, difundidas através de sua obra, poderiam auxiliar os estudantes no processo de ampliação da capacidade de imaginação e de uma consciência mais crítica quanto ao uso da violência.

Palavras-chaves: violência; teatro na escola; jogos teatrais; improvisação.

ABSTRACT

The work in question aims to understand whether the practice of theatrical and improvisational games, within the school environment, can contribute to raising consciousness and critical awareness regarding the issues of naturalizing violence among students and in the propositions of scenes that they present during classes. When I started teaching theater classes, both for early Elementary school children and for Elementary school teenagers at Escola Municipal Professor Ernesto de Moraes Leme, I realized that there is a certain recurrence in the use of violence in improvisations, as the only way of trying to solve different situations of conflicts presented by them in the scenes. There are scenes with domestic conflicts, stories of betrayal, family problems and robberies, among other everyday circumstances in which violence appears, mainly, through the reproduction of murderer by gunshot, the occurrence of lynch mobs and verbal insults. During the activity, I try not to censor, after all, theater is a space to release different emotions and portray different social contexts. However, I was intrigued by not noticing a critical approach in the manifestations of violence, but rather a certain mocking tone. Furthermore, what also caught my attention was the aggressive way in which some of them treat each other. Without moralistic pretensions, but with an interest in stimulating reflection regarding the choices in question, I took as a basis the theatrical and improvisation games of the North American artist Viola Spolin, with the aim of developing more connection and dialogue between them and understanding whether the artistic pedagogical practices, disseminated through her work, could help students in the process of expanding their ability for imagination and critical view regarding the use of violence. During the process, it was possible to notice their transformation in terms of their desire to participate in the games, to discover new possibilities for improvisation, showing a greater capacity for listening and respect for each other, as well as being available for discussions, including reflecting on violence as a problem.

Key words: violence; theater at school; theatrical games; improvisation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO E MINHA FRÁGIL ESCRITA POÉTICA NO LIMITE DO TEMPO	9
2 AS VIOLÊNCIAS	13
2.1 O encontro com a pesquisa	13
2.1.1 Questões sobre a violência	14
2.2 A violência no ambiente escolar	15
2.2.1 Dados sobre violência escolar	16
2.3 Mas, afinal, o que é violência?	20
3 O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGO	22
3.1 Minhas experiências com o teatro	24
3.2 Relatórios das experiências com os estudantes de teatro da Escola Ernesto de Moraes Leme	27
3.3 “Jogos teatrais: Uma improvisação para o teatro”	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO: A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO E MINHA FRÁGIL ESCRITA POÉTICA NO LIMITE DO TEMPO

Estou muito cansada! Infelizmente, não consigo iniciar a escrita de outra forma, senão falando do meu cansaço. Todo o meu corpo sente o soco dos dias. O dia de hoje, especialmente, quando resolvi fazer jardinagem com os segundos anos.

Estava esperando umas sementes, ou plantinhas, talvez um regadorzinho, quem sabe uma mangueira... Terminei meu dia tombando para os lados, coberta de barro e mato, de tanto carregar blocos de gramas com as crianças, para colocar tudo em um barranco - por cima do esterco - que também colocamos com nossas próprias mãos.

O calor estava impiedoso, a paisagem parecia vertiginosa, ao mesmo tempo que era fascinante ver a alegria dos pequenos trabalhando duro, pés descalços debaixo daquele sol escaldante, com barro na roupa, no rosto, no cabelo e um gostoso sorriso nos olhos. (Imagino que não devem ter dado trabalho para dormir!).

Enquanto estávamos montando o nosso quebra-cabeça de grama, ou como disseram algumas crianças, a nossa "Vilinha do Minecraft", eu buscava a poesia que me inspiraria a voltar a escrever meu TCC, algo que venho tentando fazer há tempos, porém, sem muito sucesso. Desde o último encontro para orientação, tentei me desafiar a escrever um pouco por dia. E por mais que tivesse muito o que contar, parecia que minhas palavras eram vazias, tamanho o desejo do meu corpo de desabar, quiçá fugir.

Eu tinha um hábito de escrever poemas quando mais nova, acordava de madrugada inspirada, mas nessa fase não fazia tantas coisas como faço hoje, não tinha tantas obrigações e prazos para cumprir, apesar de sempre estar ocupada, fosse estudando, trabalhando e/ou ensaiando.

Tenho a impressão de que a vida no limite do tempo rouba nossa capacidade poética. Ou talvez, seja só cansaço mesmo, uma das sensações mais violentas neste meu processo de escrita. Eu fico caindo de sono quase todas as vezes que sento para digitar meu TCC, trabalho em que um dos principais temas abordados é o da violência. Como ela começa? Será que um dia acaba? Como se manifesta dentro da escola? Será que o teatro no ambiente escolar pode criar um espaço para refletir sobre ela? Quais artistas pedagogos podem servir como referência?

Embora esteja quase que o tempo tentando produzir, lendo algo, anotando, pensando, às vezes, parece que nada é o suficiente. Não seria também essa sensação uma outra forma de violência? De repente, uma energia pulsante toma o corpo, palavras são digitadas no risco, a criação se faz vigente, até que o tempo do relógio lembra que você precisa ir, quando já lutou contra o tempo do corpo, que te pedia para parar. Aí vai tomar banho em cima da hora, burla mais um dia de estágio, deixa de fazer atividade das crianças, não compra algo que ficou de comprar e, mais uma vez, deixa a louça na pia por lavar. De acordo com Han (2021) na sociedade capitalista o sujeito da pós-modernidade passa a cobrar mais desempenho de si próprio, passando a se “auto explorar”. (Han, 2021).

Nessa loucura de tentar lidar com o tempo, de não ser dominada por ele, esse ser oculto, imaginário e poderoso, que nos engole, eu cheguei até aqui, quase no final do curso de Licenciatura em Arte - Teatro da Unesp. Nem parece que iniciei os estudos em 2020, o ano em que quase tudo parou e o tempo correu mais lento, em decorrência da pandemia que assolou o mundo. Sim, sou do Lat do fim do mundo!

Estava radiante ao ver meu nome na terceira lista de chamada, o sonho da universidade pública, enfim, era real. Quem poderia imaginar que boa parte dos espaços, em pouco tempo, iria fechar?

Minhas duas primeiras semanas já foram meio distantes, pois tinha espetáculo às segundas, depois, passei a chegar atrasada porque a escola onde trabalhava era muito longe, no Grajaú, e não conseguia negociar para sair mais cedo. Mal começava o ano letivo sonhado e eu já estava por fora. Parecia que a vida já me preparava para lidar com a distância, pois nem mesmo enturmada com a própria turma eu conseguia estar, tanto que nem estou na foto de início do curso do grupo do LAT 20.

Figura 1: Foto da turma de Licenciatura em Arte Teatro (editado por capcut)



Fonte: Arquivo pertencente à Bárbara Brunelli De Lima (2020)

As aulas presenciais voltaram e eu já estava habituada a ler materiais online e a comprar livros. Não que não fizesse isso antes, mas, sem ter como ir à bibliotecas, como ia antes da pandemia, acabei perdendo o hábito de emprestar livros. Quando era um pouco mais jovem e o dinheiro era mais escasso, uma das minhas atividades favoritas era pegar livros emprestados nas bibliotecas municipais, como a Biblioteca Mário de Andrade, o CCSP, o Centro de Culturas Negras do Jabaquara, onde peguei uma biografia incrível sobre “Malcon X”. (Nesse livro, li até a página duzentos e pouco, mas nunca terminei.). Também frequentei a antiga Biblioteca da Fiesp, onde li algumas peças de teatro de Sartre, Shakespeare, Nelson Rodrigues. Lá achei um material incrível sobre o trabalho da Pina Bausch; emprestei livros sobre a história da Marika Gidali e sobre Klaus Vianna, quando estudava dança. A memória a respeito destes espaços me faz pensar o quanto eu esqueci de respeitar a minha trajetória.

É muito bom ter poder de compra e poder enxergar num livro um valor que vale a pena investir. (Educação que não tive, embora fosse leitora desde os sete

anos.). Como é bom poder olhar e ver minha estante com muitos títulos. (Nem tanto assim) Só uma pena não poder falar com orgulho que li todos. Às vezes, tenho a impressão de que quando emprestava livros, lia com mais frequência.

Para desenvolver o meu TCC, como qualquer estudante, precisei fazer um levantamento de referências bibliográficas. Assim, passei na biblioteca da faculdade certo dia em que cheguei antes das 19h, quase próximo ao horário do seu fechamento. Foi então que me dei conta de que nunca havia sequer pisado lá, o que me gerou um misto de emoção e vergonha.

Voltar a pisar em uma biblioteca me levou a um sentimento nostálgico sobre um tempo que quase não se saboreia mais, um tempo não rasgado pelas notificações das redes sociais. Um tempo onde a poesia, de alguma forma, nos toma e nos desperta. Entrar naquele espaço, que geralmente não está disponível no horário em que estou no campus, me fez lembrar que, apesar de tantas distâncias, dificuldades e cansaço, eu faço parte da Unesp.

Apesar da força da violência que a vida impõe, modificando nossa percepção e nossa relação com o tempo, o vínculo com a universidade foi possível e fundamental para minha iniciação como professora de teatro, principalmente quando tudo voltou ao presencial, pois me senti muito mais confiante, inclusive para construir o caminho de desenvolvimento para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, relacionando os conteúdos das aulas com minhas vivências como arte educadora, podendo utilizar como base teórica para minha escrita os livros de literatura emprestados, pela primeira vez, da biblioteca da Unesp. Assim, pude desenvolver o trabalho em questão, que busca compreender e explicar sobre como o teatro pode auxiliar no processo de reflexão quanto à naturalização da violência entre os estudantes no ambiente escolar, auxiliando e ampliando sua capacidade imaginativa, criativa e de construção coletiva.

2 AS VIOLÊNCIAS

2.1 O encontro com a pesquisa

O problema da violência nas escolas do país não é novidade. Infelizmente, nos últimos anos, temos acompanhado notícias sobre assassinatos entre jovens no ambiente escolar, até mesmo cometido por crianças, além de agressões de estudantes e pais aos professores, entre outras formas de ameaça ao ambiente. Atuando como professora de teatro em uma escola da rede municipal do Jaraguá, Professor Ernesto de Moraes Leme¹ percebi nas aulas de teatro uma constante reprodução de situações de violência nas cenas improvisadas pelos estudantes. Buscando não censurar, mas sobretudo, entender, passei a questionar o porquê das improvisações quase sempre apresentarem uma solução trágica e violenta.

Meu espanto foi perceber que, para alguns deles, às vezes, um ato de violência, como um assassinato, pode ter uma justificativa plausível, como uma situação de traição, por exemplo, conforme tentou me explicar uma das estudantes, após uma cena improvisada. Mas a minha motivação inicial para escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não tinha como foco a violência, nem mesmo o espaço escolar.

A motivação surgiu a partir do contato com um vídeo² que narra a trajetória da arte educadora Viola Spolin e os rumos de boa parte do teatro estadunidense (dito alternativo) a partir da propagação das ideias e dos jogos utilizados por ela em sua escola. Já conhecia um dos livros da autora, o *“Improvisação para o teatro” (Perspectiva, 2010)*, mas não tinha muitas informações sobre sua história e trajetória de vida. Ver a dimensão que sua obra tomou, não só estética, mas também política, criou em mim um novo entusiasmo a respeito do poder do teatro enquanto possibilidade de jogo, de troca de ideias, de construção de repertório criativo, até de revolucionar espaços, relações e estruturas sociais. A princípio, fiquei muito empolgada com a ideia de pesquisar e escrever a respeito dos jogos teatrais e de

¹ EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental, inaugurada em 23/11/1993, situada na região do Jaraguá, zona Noroeste de São Paulo, no endereço: Rua Vale das Flores, 120 - Jd. Lucrécia, CEP:05185-400. Telefone: 3941-5020
emefemleme@sme.prefeitura.sp.gov.br

² INVENTING Improv: A Chicago Stories Special Documentary. Produção: Jane Adams. Roteiro: improvwttw. Chicago: WTTW, 19/11/2021.

improviso, visando compreender as potencialidades nas relações entre atores em cena, além de também tentar compreender se tais pedagogias poderiam contribuir para a formação política de atuentes dentro de um processo coletivo. Porém, no contexto escolar onde trabalho, percebi que tinha um material precioso em mãos, que não poderia ignorar. Assim, minha pesquisa rumou para um novo foco, com o objetivo de avaliar se, a partir da prática de jogos e de improviso, seria possível provocar reflexões críticas quanto a violência naturalizada entre estudantes. Mas não de forma moralizante, tampouco para dar respostas fáceis aos problemas que eles denunciam ao expor a violência em cena e/ou no trato entre eles.

2.1.1 Questões sobre a violência

O ambiente escolar tem se mostrado um espaço de trocas de diferentes formas de violência entre os estudantes, virando notícia há um tempo nas páginas dos jornais, televisão e outras mídias, comprometendo desde a formação curricular ao processo de socialização e cidadania dos estudantes. É difícil apontar quem é o agente dessa violência com precisão, pois pode ter diferentes fontes de referências, advindo de repertório das redes, do ambiente familiar (ou da ausência deste), de divergências entre colegas, bullying, entre outros fatores. Não podemos ignorar que vivemos em uma sociedade marcada pela violência, desde sua concepção. Uma violência que perpassa os séculos, vêm de diferentes instituições de poder e se difunde de formas distintas.

Mas quais fatores corroboram para a naturalização da violência na sociedade?

Como educadores e a escola como um todo devem interpretar e agir com relação a tal realidade dentro da escola?

Desde 2023, estou trabalhando como professora de teatro na escola Ernesto de Moraes Leme, além de lecionar para o ensino formal como professora de Ensino Fundamental I, desde 2022. Minha primeira experiência como professora de teatro se iniciou com quartos e quintos anos, no ano passado. Este ano, trabalho com os sextos e sétimos anos. Havia iniciado com os oitavos e os nonos no começo do ano, mas devido um problema de organização da escola, fiquei apenas com sextos e sétimos.

Em todas as turmas com as quais atuei, percebi que a opção por uma abordagem agressiva entre eles em cena é quase uma convenção, a violência, muitas vezes, parece ser o único meio de solucionar certos conflitos. Assim, me questiono:

Será que os estudantes trazem a violência para cena sem pensar nas consequências do que ela representa? Como o teatro na escola, através de sua dimensão estética e política, poderia contribuir para revolucionar as conexões entre eles, instigando-os à construção de novos espaços de trocas, onde a violência não seja apenas uma resposta, e sim um fenômeno que se apresenta com suas implicações, porém analisado como decorrente de um problema estrutural?

2.2 A violência no ambiente escolar

A violência escolar é um problema que tem crescido nos últimos anos, evidenciando nossa dificuldade de dialogar, de lidar com a diversidade, com nossas contradições e de compreender as transformações da sociedade, para tomar medidas que busquem solucionar suas principais causas. Há muito tempo a violência é naturalizada enquanto forma de correção moral, de sujeição social entre outras justificativas, e, principalmente, como um meio de manutenção de poder. A escola, enquanto um ambiente hierárquico, não está isenta de reproduzir certas formas de violência como meio de correção e punição, até mesmo de exclusão, embora boa parte do ensino atual seja contextualizado, inclusive com intuito de primar pelo pensamento, pela construção do diálogo, do respeito às diferenças e para uma formação cidadã, mais justa e coerente com uma sociedade democrática.

No entanto, a escola lida com diferentes grupos familiares, que trazem seus repertórios e visões de mundo, dos quais não há controle, tampouco se pode questionar sobre as formas de violência, diretamente. Neste contexto, também existem os professores e outros atores que fazem a instituição funcionar. Portanto, são muitos os anseios para se acolher e administrar.

A instituição tem suas metas e funções, é constantemente cobrada para dar resultados, enquanto os estudantes estão apenas tentando se descobrir e se entender no mundo. Diante de tais constatações, meu trabalho pretende entender se o teatro, no ambiente escolar, pode contribuir para uma formação mais sensível e reflexiva quanto a violência naturalizada, sendo um meio provocador que, além de

estimular a imaginação, a criatividade, também amplia o olhar quanto a importância das experiências coletivas, para o desenvolvimento da capacidade de dialogar de forma empática e ética.

2.2.1 Dados sobre violência escolar

Nos últimos anos, pudemos acompanhar, através dos meios de comunicação, uma crescente onda de violência no ambiente escolar. De acordo com o portal digital *Politize!* (2023), isso vem ocorrendo anualmente no país, tendo boa parte dos professores e dos estudantes como vítimas. O artigo se utiliza de dados da revista Nova Escola (MELO, 2022), para informar que dos mais de 5000 professores entrevistados pela Organização, pelo menos 80% sofreu algum tipo de violência. Outros exemplos são mencionados, como o de uma professora que disse à Folha de São Paulo ter que acompanhar os estudantes nos intervalos - após retorno da pandemia -, com o fim de evitar agressões entre os alunos. Conforme dados da Secretaria Estadual de São Paulo, indicados no portal, nos dois primeiros meses de retorno às aulas presenciais em 2022, foram registrados 4.021 casos de agressões físicas nas escolas estaduais. (48,5% a mais do que em 2019.). Também é informado dados da Plataforma Conviva (PLACON), mostrando que houve aumento das ocorrências de agressões físicas registradas, 108 a cada dia do ano letivo nas mais de 5000 escolas de São Paulo. Antes da pandemia, em 2019, porém, a Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE), já divulgava que o Brasil tinha um dos maiores índices de agressões a professores. (Henrique, 2023)

Eu me pergunto o que pode motivar tamanha violência contra os docentes? Será que há alguma falha no modelo de condução das aulas? Seriam, talvez, resquícios de um padrão de comportamento tradicional, que não relaciona o teor dos conteúdos com a realidade dos estudantes, tornando a experiência desgastante para ambas as partes?

É possível refletir sobre o desprezo fomentado há muito contra a classe, também, principalmente por decorrência dos movimentos de extrema direita em ascensão, que têm alimentado muito ódio contra o que chamam de ideologia comunista e de gênero nas escolas. Quem está em sala de aula, compreende o quanto é preciso saber dialogar e lembrar que se deve ter respeito e

responsabilidade, não apenas para com os estudos, mas, sobretudo, uns para com os outros, separando certas crenças pessoais. Conforme informa o portal, a violência que ocorre na escola reflete a vida social, com seus diferentes preconceitos, de professor para aluno, de alunos para professores, entre os estudantes, através de formas de isolamento e/ou exclusão, como o caso do bullying (Pitanga, 2023), por exemplo, cuja prática demonstra diferentes formas de ofensas, humilhações públicas e perseguições. Segundo o portal da Unicef o bullying é um desafio para a comunidade escolar, embora hoje em dia haja dispositivo na lei para tratar e combater o problema, em prol de promover uma cultura de paz no ambiente escolar. (Pitanga et al., 2023)

De acordo com levantamento de dados da Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em uma entrevista que contou com 250 mil professores e líderes escolares de 48 países ou regiões, pode se concluir que Brasil é o país mais propício ao bullying, tendo 28% dos diretores escolares brasileiros testemunhado diferentes situações de ameaças e violências; muitos educadores também denunciam abusos recorrentes (10% por cento de escolas brasileiras registram, sendo que a média internacional é de 3%.), entre outras situações.

Um fato atual, e trágico, foi a de um estudante do colégio Bandeirantes, que se suicidou após sofrer uma série de ofensas por ser bolsista, preto e homossexual. A reportagem de 21/08/2024 da Revista Piauí (BATISTA JR, 2024) traz a triste história de Pedro Henrique Oliveira dos Santos, 14 anos, que havia tido um início de dia normal, porém, depois de cumprir suas tarefas diárias e seguir para a escola, acabou desviando seu curso e tirando a própria vida. De acordo com o que relata o portal da revista, o garoto deixou uma mensagem de despedida para a mãe e colegas da turma do nono ano D do Fundamental II. Conforme relatou a família ao portal, o menino tinha reclamado que estava sofrendo bullying, inclusive, a instituição que fez a mediação para ele conseguir a bolsa, o Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart), afirmou ter oferecido ao garoto apoio psicológico e acionado o colégio, que diz não ter recebido nada a respeito.

A ONG citada, existe desde 1999, com o fim de conceder bolsas de estudos para estudantes pobres nos grandes colégios em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Foi fundada pelo empresário Marcel Telles, sócio de Jorge Paulo Lemann e Beto Sicupira na 3G Capital, empresa que controla a Ambev e as lojas Americanas.

De acordo com o que relatou a direção da escola ao portal, o colégio Bandeirantes, fundado em 1934, é conhecido por sua pedagogia rigorosa e afirma ter políticas educacionais para combater a violência, por exemplo, oferecendo uma disciplina denominada “convivência coletiva”, que surge após críticas de pais dos estudantes, e, principalmente, em decorrência de dois suicídios quase que sequências de alunos da instituição no ano de 2018. (Batista Jr, 2024.).

O artigo no portal também traz a declaração de uma professora, que não quis se identificar, que diz que os bolsistas só andam entre eles, pois são excluídos, vivem com medo e o clima de competição é muito grande.

Outra pessoa, um ex - estudante bolsista do Bandeirantes, diz ter sido acolhido quando estudava lá, porém, apenas pelos professores, mas não pela gestão da escola, que parece omitir certas situações, para não incomodar as famílias pagantes, segundo escreveu o portal da Piauí (Batista Jr, 2024).

Tais episódios evidenciam a dificuldade de compromisso das instituições e de política de combate à violência entre os estudantes. Obviamente, não se trata apenas de um movimento proposto pela escola. Mas é preciso refletir sobre quais erros a sociedade escolar ainda está cometendo ao amparar os estudantes que sofrem bullying (quando amparam de fato), e quais espaços para uma convivência respeitosa, saudável e gentil estão sendo construídos.

Também precisamos lembrar que ocorre violência entre professores e pais de alunos. Recentemente, outro caso chamou a atenção dos meios de comunicação, quando uma professora foi surpreendida por uma mãe que alegava que sua filha sofria perseguição por parte da docente, e, por isso, a atacou. No portal do G1 (Globo, 2024), a reportagem descreve o episódio em que Amanda dos Santos Monteiro, uma professora que leciona para crianças de oito anos, foi agredida. Segundo a vítima, a perseguição da mãe começou quando a docente escreveu um relatório explicando que a estudante tinha muitas faltas e que isso estava atrapalhando seu processo de aprendizagem. O advogado da mãe da criança disse que a professora chamava a menina de burra na sala de aula e que a mãe tinha feito uma reclamação na escola, porém, nada havia sido feito.

De acordo com a notícia do portal, a professora foi afastada, após receber atendimento médico e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Seduc) fez nota de repúdio contra o ato violento, alegando que o caso será investigado internamente. (G1, 2024). A prefeitura do Guarujá informou ao G1 que a Seduc

desenvolve programas de acompanhamento psicológico, entre outros, a professores e estudantes, além de programas de combate à violência, como a campanha “Digo Sim ao Respeito”.

Diante dos episódios acima descritos, eu me pergunto o que explicaria tanta violência num ambiente que deveria ser acolhedor e de trocas de experiências afetivas?

Retomando o artigo do portal da *Politize*, as razões para o crescimento da violência no ambiente escolar são complexas, variadas e profundas, têm relação com o contexto onde a escola se encontra e também pode refletir o período de isolamento em que os estudantes desaprenderam sobre a capacidade de ouvir e de controlar suas emoções. Muitos destes estudantes também trazem discursos de intolerância, o que faz com que a escola tenha que rever o currículo, repensar suas práticas e abordagens, não só com os estudantes, mas também com as famílias, desenvolvendo ações que auxiliem ela própria a tratar a questão da violência, primando pela defesa dos direitos humanos como meio de acolhimento, formação moral e ética. (Henrique, 2023)

De acordo com o que a pedagoga Tamires Alves, mestra em Psicologia Escolar na Usp relata ao jornal da Universidade de São Paulo³. É preciso pensar em estratégias para transformar a situação, fazendo com que a relação dos estudantes com as pessoas do espaço escolar possa mudar, com práticas que auxiliem nas questões emocionais. Telma Vinha, do Departamento de Psicologia Educacional, defende que os professores também necessitam de apoio e formação para lidar com este novo quadro, portanto, é preciso que haja novas políticas públicas. (Derviche, 28/07/2021.).

Citando a fala de Ariel Castro Alves, Secretário Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o portal da *Politize* também explica que é necessário toda uma estrutura social, não apenas com educadores, mas também com psicólogos,

³DERVICHE, Andre. Dados mostram que oito em cada dez jovens já presenciaram atos de violência nas escolas: O professor Luiz Guilherme Dácar da Silva é membro do Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência e diz que o resultado mostra que o problema da violência é muito profundo e complexo. *In*: Dados mostram que oito em cada dez jovens já presenciaram atos de violência nas escolas: O professor Luiz Guilherme Dácar da Silva é membro do Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência e diz que o resultado mostra que o problema da violência é muito profundo e complexo. Acesse mais em <https://jornal.usp.br/atualidades/dados-mostrar-que-oito-em-cada-dez-jovens-ja-presenciaram-atos-de-violencia-nas-escolas/>

assistentes sociais e outros, com programas que ofereçam atendimento a problemas de saúde mental.

De acordo com Betina Barros, pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, citada no artigo, é preciso encarar os diferentes fatores que fizeram com que a violência aumentasse no ambiente escolar a partir de 2018, que não só se cresce pelo período de isolamento na pandemia, mas sobretudo pela exposição à conteúdos de violência nas redes, sem mediação, também por decorrência de violência familiar, ou mesmo da polarização social e política no país, que acabou abrindo espaço para o de ideias de cunho extremista.

A partir de tantos relatos e informações, é possível refletir sobre a necessidade de se repensar o currículo, para tentar superar certas condutas, mudando, inclusive, a abordagem dos docentes e a condução das aulas. Afinal, a violência pode ser perpetrada por todos os envolvidos no ambiente, mesmo de forma sutil, podendo gerar graves prejuízos no processo de aprendizagem, sequelas emocionais e até consequências ainda mais graves.

2.3 Mas, afinal, o que é violência?

No livro “Topologia da Violência”, Han (2021) explica como a sociedade, mais especificamente a ocidental, se constitui através de diferentes formas de ritos de violência como meio de legitimação de poder. Na introdução, o autor afirma que uma das coisas que não desaparece da sociedade é a violência, que pode se apresentar de forma macrofísica, externa, mas também microfísica, até parecer invisível, conforme transformações sociais, econômicas e tecnológicas, que tendem a pressionar os indivíduos através de uma outra estrutura, na qual a violência psíquica se torna um meio para atingir um fim. (Han, 2021).

O autor fala acerca dos mitos gregos e de suas histórias trágicas, explicando o quanto a violência era vista como algo necessário no mundo antigo, como um tipo de alívio para a alma. Ao contrário do período da Idade Moderna, em que a violência se constitui mais no campo neuronal. Na Pré-modernidade, a violência estava explícita, como forma de comunicação social. Os romanos usavam de diferentes práticas de tortura em praça pública, com criminosos sendo jogados aos predadores, além de outras formas de “entretenimento” para o público, como as lutas dos gladiadores, por exemplo. Tudo isso era parte essencial do “culto ao Imperador”,

também constitutivo do processo de comunicação social. (Han, 2021, p. 19). Com a modernidade, o salto da violência física, enquanto forma de poder e punição, passa a não ter mais um caráter público, Han (2021) explica que esta não deixa de continuar representando a força física, mas que, no entanto, passa a ser utilizada de forma mais escondida, perdendo seu poder ostentatório, para atuar de forma “*envergonhada*”, como no caso dos campos de concentração. Enquanto na era digital, a violência se desloca para sujeição a uma suposta liberdade que pode levar a sérias consequências, como por exemplo, ao suicídio. Han (2021) cita Freud para reforçar seu pensamento, lembrando a ideia que o psicanalista afirma quanto ao impulso para a morte, que justifica o desejo destrutivo da humanidade, contrapondo ao conceito de “*mimesis*” de Girard, (citado por Han, 2021) que traz a ideia da violência como desejo de imitar o outro, através do que o autor irá chamar de “*rivalidade mimética*”, além da violência enquanto modo de vingança. Embora Han (2021) discorde de Girard, quanto a questão da imitação e da vingança, ele leva em consideração o conceito de “*mimesis*” enquanto algo fundamental para o processo de aprendizagem e socialização humana, concluindo no final do capítulo sobre Arqueologia da Violência, que o que determina a economia arcaica da violência é o sistema capitalista, onde quanto mais se exerce a violência, maior poder se adquire. (Han, 2021).

Girard irá explicar o teor religioso contido na violência, no qual seu princípio arcaico traz a ação de matar como um meio de vencer a morte, vingança enquanto poder religioso, de conexão com o sagrado e de sujeição, pois o sacrifício e os assassinatos em massas, em seu ponto de vista, gerava uma forma de reconciliação, ou seja, o uso da violência para evitar mais violência, trazendo certa harmonia.

Han (2021) irá compreender a prática da violência não apenas como forma de prevenção, mas sobretudo, como produção, afirmando que se uma sociedade se identifica com seu deus de guerra, violento, logo, esta se erguerá de forma violenta. O autor salienta que as caveiras expostas nos altares asteca, por exemplo, tinham menos a função de prevenção de violência, e sim, um “efeito capital”. Portanto, conclui, quanto ao período arcaico, que a violência exercida não só tinha a intenção de elevar o sentimento de poder, como também simbolizava mais poder. (Han, 2021.).

3 O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGO

Sabe-se que a expressão não é um dom divino, mas uma forma de contato humano. (MEC - Coleção Cartilhas de Teatro)

O que é o diálogo? Para que ele existe?

De acordo com o dicionário Michaelis, resumidamente, diálogo significa conversa, real ou ficcional, composição de vozes ou sons, trocas de ideias, como meio de resolução de problemas e comunicação. Sem sombra de dúvidas, o teatro abarca todos esses sentidos, do seu processo (pesquisa e construção da obra) à apresentação. Um exercício de composição e comunicação, que não necessariamente acontece de forma óbvia, mas que se desenrola na relação entre os envolvidos, através do jogo e do encontro.

É interessante ouvir os estudantes expressarem as sensações após uma aula de teatro, sobre o que o exercício significou para cada um, entendendo como as práticas vão os estimulando a pensar e a agir. Esse diálogo com os estudantes reforça o espaço de partilha e de conexão que se busca criar a partir dos jogos, ou mesmo antes das práticas se iniciarem.

Houve um episódio em que eu cheguei para dar aula e novos estudantes apareceram para participar⁴, como estava com alguns livros nas mãos, dois estudantes começaram a reclamar com o outro professor que estava lá, alegando que não tinham vindo para a aula de teatro para ler, em seguida, uma das estudantes comentou que não gostava de mim, sem nunca ter tido aula comigo. Fingi ignorar o comentário, informei que os livros eram para os estudantes pequenos da aula do integral e comecei uma rápida conversa, falando que ali era um espaço de trocas, de uma convivência respeitosa e também para eles se divertirem. Peguei um dos garotos que haviam chegado, como exemplo, falando sobre a maquiagem que ele estava usando, com um belo delineado nos olhos. Eu o elogiei e disse que não sabia fazer um delineado tão bonito, em sequência perguntei como ele se

⁴ A aula de teatro acontecia às quintas, no contraturno dos estudantes dos sextos e sétimos anos. (Antes do horário das aulas do currículo formal do Fundamental II).

sentiria se fosse para outra escola, e sem o conhecer, os estudantes de lá o julgassem negativamente apenas por conta da maquiagem que ele estava usando. Ele respondeu que se sentiria mal, triste, então comentei que o teatro era um lugar para superar esses preconceitos e que não estávamos ali para ofender ninguém. Desta forma, trouxe a experiência como exemplo para mostrar que não devemos julgar antes de conhecer, assim como fizeram comigo. Em sequência, propus uma roda de conversa para cada um falar um pouco sobre si, com quem morava e o que esperava do teatro. Muitos não tinham uma resposta objetiva sobre porquê estar na aula, no entanto, pareciam curiosos e interessados em saber onde as experiências poderiam os levar. Talvez o teatro seja muito mais sobre o jogo inusitado do que saber com certeza aonde se vai chegar. Partimos daquela conversa para um jogo de Foco, extraído do Fichário de Viola Spolin, e como nosso tempo estava quase se encerrando, misturei duas propostas, uma caminhada com o exercício do foco. Não era apenas caminhada pelo espaço, pois separei a turma em dois grupos, para que cada um pudesse caminhar em direção aos outros que assistiam.

O exercício consistia em caminhar juntos, mantendo o mesmo tempo/rítmo, com as mesmas pernas. E isso não poderia ser combinado, eles teriam que acionar a escuta e perceberem uns aos outros para iniciar, e no momento do Foco, tinham que parar juntos e observar algo em específico nas pessoas que estavam sentadas. Em seguida, tinham que se olhar e voltar, ao mesmo tempo.

A necessidade de realizar o exercício com o máximo de precisão, de cumprir cada etapa, sem poder se corrigir ou corrigir ao outro, cria uma certa suspensão e uma tensão. O que será que pode acontecer de extraordinário? E só isso já proporciona uma mudança de estado físico, quiçá uma mudança de olhar para si e para o outro. Michalski (1976) explica que o teatro educacional tem a função de buscar o desenvolvimento integral dos estudantes, proporcionando caminhos de descoberta de si e a exploração do mundo que o rodeia, sem obrigatoriedade de um desenvolvimento artístico e profissional. Conforme novas experiências foram ocorrendo, aquela aluna que disse que não gostava de mim, passou a me cumprimentar pela escola, me abraçar de surpresa, perguntar sobre as aulas, além de fazer piadas comigo. (Sim, os adolescentes adoram fazer piada com os professores.).

O que compreendo sobre o valor dos jogos de teatro e de improviso para a ampliação da prática do diálogo, tem menos a ver com a ideia de salvar o estudante

através das artes, tampouco resolver problemas complexos no âmbito escolar, que somente o teatro não daria conta, mas que, no entanto, através das suas estratégias artístico-pedagógicas, proporcionam um despertar dos participantes para a importância de se relacionar, de se disponibilizar para estar junto, criar coletivamente e se divertir. Então não cabe ridicularizar, constranger e se “auto julgar” ou julgar o outro negativamente, quando se aprende a viver a experiência em conjunto. Assim, entendo que os jogos contribuem para uma boa convivência, para que os estudantes aprendam a se expressar e a resolver seus próprios processos. E conforme nos apresenta Lassalle:

o Teatro não é feito para nos reconciliar com o mundo que vai mal, mas para reconciliar nós mesmos nesse mundo com aquilo que passamos nosso tempo a ignorar solenemente: o instante, naquilo que ele tem de único e que não sabemos viver como tal; uma relação com objetos, sensações, com a plenitude das presenças, que elas passem pela palavra, que pelo silêncio. (Jacques Lassalle apud Desgranges, 2006, p. 11.).

3.1 Minhas experiências com o teatro

Iniciei minhas experiências com o teatro na escola quando estava no Ensino Fundamental II, em uma instituição municipal no Conjunto dos Metalúrgicos, na cidade de Osasco, chamada Manuel Ayres. Lá apresentei coreografias diversas e uma peça de teatro, da qual não lembro exatamente o contexto.

Comecei a gostar muito da ideia de atuar, mas não entendia bem como isso poderia acontecer, minhas principais referências eram a televisão, as novelas, o cinema, os comerciais, e, obviamente, tudo isso era um mundo dos sonhos para uma criança pobre. Mas, talvez, não tão impossível, pensava eu, pois uma garotinha numa rua mais ou menos próxima da minha, tinha feito um comercial sobre bonecos da Mônica da “TecToy”. Um dia acabei conhecendo a garota do comercial e fui à casa dela. Eu me lembro de ficar encantada com o tamanho da sala de jantar e o telefone em formato de ostra, que se encontrava em cima de um móvel. Devo ter falado sobre isso por muito tempo para minha mãe, sobre o quanto queria ser atriz, ser rica e ter

uma casa com sala de jantar e um telefone de ostra, igual ao telefone da casa da pequena atriz, Helen Samanta.

Eu me emociono até hoje com essa memória, além de me divertir com minha ingenuidade infantil e o desejo por um telefone (que atualmente considero cafona). Eu ainda não comprei uma casa, e telefone só passei a ter quando surgiram os celulares.

Quanto ao teatro, ele acabou entrando de vez na minha vida, a partir da adolescência, quando ainda fazia Magistério. Foi minha mãe quem me trouxe um panfleto sobre uma seleção para a oficina de iniciação às Artes Cênicas da Prefeitura de Osasco. Prestei a seleção e entrei. No final do ano, apresentamos nossa montagem no teatro Municipal de Osasco, com a peça “O Testamento do Cangaceiro” de Chico de Assis. Eu já tinha participado de outras montagens realizadas na escola onde estudava, no C.E.F.A.M. (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) através da peça “Juiz de Paz da Roça” de Martins Pena e “As três cruces vazias”.

O teatro mudou minha maneira de olhar para o mundo, de me comunicar, de ler um texto e interpretar a realidade, inclusive de buscar compreender a minha vida.

Por que a Helen Samanta tinha uma vida financeira melhor do que a minha e de muitos dos meus amigos? Obviamente não era culpa dela, mas havia algo de errado em nossa sociedade, e, de alguma forma, o teatro me ajudaria a entender, a fazer perguntas, e, acima de tudo, a não desistir.

Não sei se poderei ser rica ou famosa, mas isso não importa, pois consegui fazer teatro, dançar - outro sonho de infância - completamente impossível para quem era pobre há alguns anos; se a família não tinha condições de pagar alguma escolinha de dança do bairro, não havia o que fazer, pois não se falava em projetos sociais ou oficinas de artes nas escolas.

Eu ingressei no magistério com receio de não ter rumo algum, e/ou de fazer um colégio ruim, de me perder. E quem diria que lá encontraria o teatro novamente, que cada vez mais foi ficando próximo da minha realidade e dos meus planos. Quando percebi, estava juntando teatro e educação para usar isso como ferramenta de sobrevivência. Hoje, compreendo que a vida me proporcionou estes caminhos e a capacidade de olhar para estes dois universos, entendendo que seus conhecimentos dialogam e se complementam, podendo ser ferramentas de poder. Ainda que o teatro não tenha função específica de servir à isto ou aquilo, pois como uma linguagem

artística e ritualística, já tem uma função de representação da humanidade, o que para muitos pensadores, ao longo dos séculos, sempre foi visto como função educativa e social. O Teatro por si só, já é conhecimento de mundo.

3.1.1 Do sonho de ser rica e famosa ao curso de licenciatura em Arte-Teatro na Unesp

Com 21 anos, começo minha vida, definitivamente adulta, como operadora de call center, e ainda não tinha conseguido entrar em uma universidade pública, apesar de ter feito cursinho por duas vezes. Eu fiz cursinho na Poli em 2000, depois em 2002. Nas duas vezes, tive problemas com faltas, devido a compromissos com trabalhos e dificuldades financeiras. (por mais contraditório que isso possa parecer.).

Eu ainda estava no magistério quando resolvi prestar bolsa para o Cursinho da Poli, solicitando ao CEFAM o diploma de ensino regular, para trabalhar como recepcionista em uma escola de natação, no Jaguaré, e estudar para prestar Artes Cênicas na USP. Estava muito certa que entraria lá, só não contava que tudo seria tão difícil, não só com relação a dinheiro, mas também quanto aos estudos, os conteúdos de exatas, às vezes, pareciam coisas de outro mundo, pois não tinha feito curso regular no ensino médio. Mas, apesar das dificuldades, aprendi muito! E algo especial aconteceu, conheci o pessoal do teatro no cursinho e desde então, com idas e vindas, não parei mais. Apresentei trabalhos em espaços que nem existem hoje em dia, como a Estação Ciências na Lapa e o antigo Teatro Pirandello no centro de São Paulo, entre outros.

O grupo só se firmou como profissional, um tempo depois. Eu me afastei para tentar estudar dança, pois havia conseguido uma bolsa. Depois entrei no curso de Pedagogia com 100% pelo ProUni, então tive que largar todos os cursos de artes, para dar conta de mais um trabalho com escala 6x1, além da faculdade. Com a Pedagogia, a partir de 2006, novas portas se abriram. Aos poucos, passei a atuar na educação, a princípio com idas e vindas. Em 2008, voltei a encontrar os amigos da época do cursinho, quando me mudei para o Jabaquara, e desde então, não deixei mais o teatro, passando a fazer parte do grupo “Atocontínuo”. Paralelamente, também fui fazendo oficinas diversas, de dança, dublagem, além do curso de atuação na SP Escola de Teatro, trabalhando no que dava, de livreira à garçonete em bar, buffet, fiz

até parte de um comercial! Mas o sonho da universidade pública só veio em 2019, aos 37, mesmo ano em que fui chamada pela prefeitura de São Paulo, para trabalhar como educadora, concursada, mesmo ano em que também passei na seleção para fazer parte de um espetáculo baseado na obra de Tennessee Williams, com direção de André Garolli, e o mesmo ano em que conquistei minha independência, conseguindo sair da casa da minha tia, onde morava de favor, junto com minha mãe.

3.2 Relatórios das experiências com os estudantes de teatro da Escola Ernesto de Moraes Leme

Quero começar este capítulo relatando minhas experiências através das aulas de teatro dentro da escola Ernesto de Moraes Leme, onde leciono para o ensino formal desde 2022, e, atualmente, também atuo como professora de teatro para turmas do fundamental II.

Iniciei as aulas de teatro no ano passado, com as oficinas dentro do modelo de aula compartilhada. Com a chegada de um novo professor de artes visuais, que também é slammer e ator, passei a trabalhar com estudantes do fundamental II, em parceria com este colega.⁵

O propósito da oficina, antes de tudo, era apresentar o teatro como linguagem artística, que possibilita um espaço para desenvolver um olhar mais atento e crítico para o mundo, na qual trazer o cotidiano significa se dispor para encarar e debater a respeito das relações humanas, além de sensibilizar para novas experiências criativas, ampliar a capacidade de diálogo e de construção de novos afetos.

A diretora da escola tinha me solicitado que tentasse formar um grupo de teatro do Ernesto com os estudantes do Fundamental II, para este ano, porém, a organização das aulas apresentou alguns conflitos.

Meu parceiro e eu começamos a reunir os estudantes, como ele já dava aula de artes visuais para os oitavos e nonos, foi ele que ficou responsável pela lista dos interessados. Muitos se inscreveram, então foi feita uma lista de espera. As aulas aconteciam no horário das disciplinas formais do currículo, então, às vezes, os estudantes tinham receio de sair da aula e perder conteúdo, ou os professores não deixavam, porque estavam dando matéria de prova, ou estava tendo simulado para

⁵ O nome do colega de trabalho foi anonimizado para proteger sua identidade.

ETEC, ou então, os estudantes da primeira lista estavam ausentes, assim, chamávamos os da lista de espera. E foi assim que a confusão se ampliou. As oficinas tiveram que ser reorganizadas pela direção, para não atrapalhar os outros professores e não atrair estudantes que queriam apenas dar umas “escapadas” da sala, fingindo demonstrar interesse em participar do teatro, entretanto, aparecendo no espaço, apenas para satirizar a experiência e aos colegas, com comentários grosseiros e preconceituosos. (Preconceitos do tipo, misógino, homofóbico e gordofóbico.) Tive até que ser um pouco dura, para que pudessem compreender que não era legal o que eles estavam fazendo. O professor de artes e eu fizemos questão de deixar claro que ali não era espaço para aquele tipo de atitude, que precisávamos criar conexão e respeito entre nós para nos aventurarmos na criação. Além de tudo, afirmamos que estávamos tranquilos, caso as pessoas quisessem apenas olhar, a princípio, ou simplesmente sair do espaço, afinal, ninguém era obrigado a estar nas aulas de teatro. Porém, alguns estudantes ficaram rodando pela escola, entrando de sala em sala, criando confusão, assim a direção compreendeu que seria bom uma nova organização do horário das aulas de teatro, no contraturno dos estudantes da tarde, para que apenas os interessados pudessem participar, sem atrapalhar as outras disciplinas. Eu fiquei fora das aulas por duas semanas, pois no novo horário de aula de teatro coincidia com minhas atividades de ateliê com as crianças do integral. Assim que a diretora reconfigurou meu horário, pude retomar as aulas, agora, composta por adolescentes do sexto e do sétimo ano, que começaram suas experiências teatrais com o outro colega da escola. Nós combinamos de trabalhar com os jogos da arte educadora Viola Spolin, adaptando a proposta, conforme fosse necessário, fazendo intervenções e misturando referências, porém, sempre tendo o material dela como base.

Continuei com foco na intenção de compreender se minha pergunta a respeito da percepção política e social do problema da violência, poderia de fato fazer sentido, e ser desenvolvida e problematizada através dos jogos teatrais e os de improvisação junto aos participantes da oficina.

Quando iniciei minhas aulas de teatro no ano passado, com os quartos e quintos anos, percebi uma necessidade constante dos estudantes em “solucionarem” certos conflitos estabelecidos em cena com morte, briga, xingamentos e agressões. Ao iniciar este ano, com uma nova turma de oitavo e nono anos, notei que a opção pelas cenas de assassinatos, lutas e outras formas de violência continuavam sendo

senso comum. Também não pude deixar de notar certas “brincadeiras” ofensivas entre eles. Ao assumir o sexto e o sétimo junto com o professor Richard, notei que a opção pela violência em cena também era recorrente. Fiquei muitas vezes incomodada com minha pergunta, em conflito, pensando se não estava sendo exagerada, forçando alguma camada, que não estivesse clara a respeito daquelas “soluções” de cena dos estudantes. Conversando com meu parceiro de trabalho, percebi que ele também notou isso, no entanto, julgando como simplesmente possível dificuldade de imaginação deles. O que não deixava de ser uma observação justa, já que a opção por soluções violentas era senso comum.

Quem sabe, então, o caminho da minha pesquisa, pudesse ser mais relacionada ao desenvolvimento da imaginação, a partir dos jogos e da improvisação, como forma de ampliação de repertório imaginário para superação das constantes cenas violentas?

A cada encontro, utilizando os jogos, foi possível notar o crescimento dos participantes da oficina com relação ao processo criativo, desenvolvendo neles a consciência de que demanda interação, atenção, ocupação do espaço, troca de ideias, além da espontaneidade para mostrar o que desejam. Esta espontaneidade foi se construindo através da prática dos jogos, que contribuiu para tornar o ambiente propício para que os estudantes pudessem se sentir mais seguros, disponíveis e abertos à construção coletiva e mais bem articulados para justificar suas escolhas. De acordo com Viola Spolin (2010) o jogo é uma forma natural de grupo, seu uso acaba servindo como base para treinamento do teatro, uma vez que libera a criatividade de forma mais intuitiva, favorecendo a entrega para viver a experiência. A autora explica que as habilidades para o jogo são desenvolvidas no ato de jogar, que exige não apenas atenção, mas também proporciona divertimento.

3.3 Compartilhamento de experiências de aula de teatro

Prática adotada: Oficinas com propostas diversas, tendo como base Os Jogos Teatrais e de Improviso de Viola Spolin

- **Relato I (Aula 27/08/2024)**

Logo na primeira aula com os sextos e os sétimos anos, propus um jogo de ressignificação de um objeto, um cabo de vassoura, que havia utilizado desde o começo deste primeiro encontro, com o fim de que os participantes pudessem despertar o corpo e a atenção, através do exercício de jogar o cabo uns para o outros.

Procedimentos

Aquecimento

Caminhada pelo espaço: (Atividade presente no Fichário de Viola Spolin). Exercício utilizado com frequência para iniciar aulas de teatro (atenção com relação ao próprio corpo, o espaço e o outro.)

Tempo/ritmo: contagem até oito para todos os integrantes formarem a roda juntos. (Orientação dentro da proposta da caminhada. Exercício aprendido em aulas de teatro.).

Jogos de roda com o cabo I: consiste em jogar o cabo para alguém que está na roda, olhando para a pessoa, porém, projetando o próprio nome; variação: jogar o cabo para alguém na roda, falando o nome da pessoa, de forma projetada.

Jogos de ressignificação do objeto: consiste em ir para o centro da roda e criar uma ação com um objeto disponível, ressignificando - o, ou seja, transformando o cabo de vassoura, no caso, em qualquer outra coisa, que não seu uso convencional. (Exercício aprendido em aula de teatro; podem ser utilizados outros objetos.).

Iniciamos com o exercício de tempo/ritmo, até estabelecer sintonia e formar uma roda com todos os participantes. Conforme a roda se estabeleceu, fizemos uma breve apresentação. Em seguida, iniciamos o jogo com os cabos, para que pudessem passar uns para os outros, falando seu próprio nome de forma projetada, depois, os estudantes tinham que jogar o cabo e falar o nome de uma outra pessoa na roda, jogando o objeto apenas para quem foi citado; trabalhamos aquecimento, atenção,

concentração e projeção da voz. Em seguida, fizemos o jogo de ressignificação do objeto, para propor um exercício de imaginação, transformando o cabo em outra coisa.

Jogo de improvisação: Livre (proposto pelos estudantes) com tema e situação também criados por eles. Alguns ficaram inseguros e preferiram assistir, enquanto a outra parte se interessou e foi para a “cena”. Foi dado cinco minutos para criarem a improvisação, com a orientação de que o cabo de vassoura fosse utilizado de forma ressignificada. Estabeleci a proposta dos elementos “Onde”, “Quem” e “O quê”, presentes no livro “Jogos de improvisação” (Spolin, 2010) com a finalidade de explicitar ao “público” sobre quem eram os personagens, onde se passava a situação e o que estava acontecendo na história.

Sobre a cena: A cena dos estudantes se passava em uma balada, onde estava rolando um “pancadão” (baile funk) e alguns jovens se divertiam, dançando, até que outras duas personagens, que seriam a mãe e a irmã de uma das jovens que estava na balada, entrava em cena, demonstrando muita irritação ao flagrar a filha dançando. Uma briga foi estabelecida, tornando a cena caótica, até que a personagem da mãe batia na filha com a “bengala” (cabo de vassoura), e a cena se encerrava.

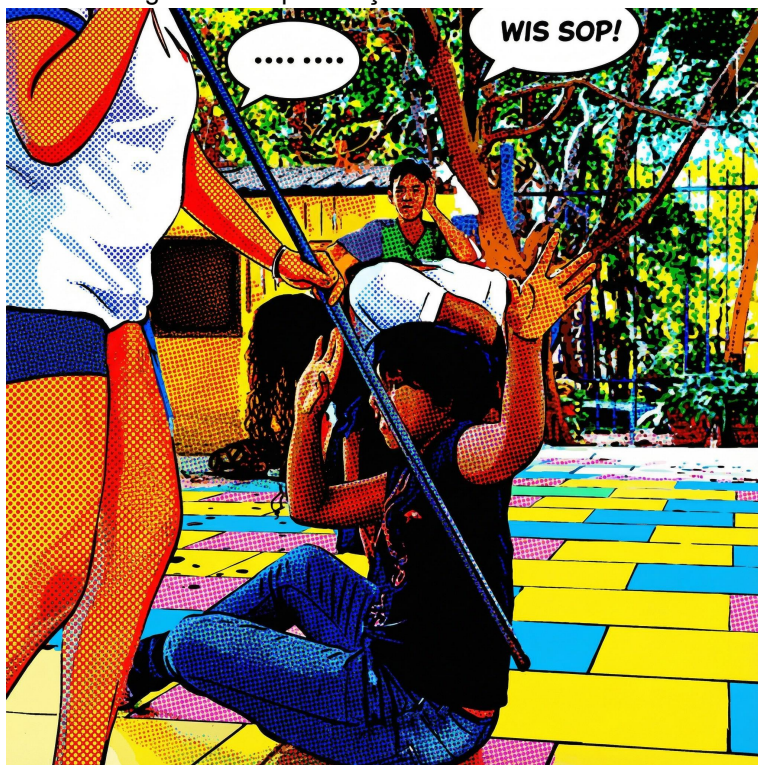
Roda de conversa: Os estudantes que estavam assistindo, falaram brevemente sobre o que viram, onde se passava a história e o que acontecia, mas não discutimos sobre os elementos de violência representados na aula por falta de tempo. No entanto, eles conseguiram identificar todos os elementos que haviam sido estabelecidos (Onde, Quem e O quê).

Figura 2 - Jogo de Ressignificação do objeto



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 3 - Improvisação com o uso do cabo.



Fonte: elaborado pela autora (2024)

- **Relato II (05/09/2024)**

Retomada de proposta da cena improvisada pelos estudantes no dia 27/08, com o fim de que pudessem repetir as ações, porém, mudando o momento da violência, inclusive solicitei e eles que não utilizassem mais o cabo de vassoura na hora do conflito e pensassem em outra solução. Iniciamos a aula com uma breve conversa, porque chegaram novos participantes. Pedi que cada pessoa falasse algo sobre si e sobre o que esperava com relação às aulas de teatro. Um pouco antes da roda de conversa, tinha chegado empolgada com livros infantis, achando que eles iriam gostar de criar a partir do contato com os mesmos, porém, quando mostrei os livros, os estudantes rechaçaram qualquer possibilidade de leitura. (A ideia era que pudessem ler as imagens e construir uma história, mas para evitar qualquer possibilidade de resistência deles, descartei a proposta.). Depois da roda, propus um exercício que chamo de “Foco/Passarela”, inspirado em um dos exercícios de Foco da Viola Spolin, junto com outro exercício que fiz algumas vezes em aula de teatro e sala de ensaio.

Procedimentos

Roda de conversa: Breve apresentação e relatos sobre expectativas dos estudantes referente às oficinas de teatro.

Jogo do Foco: (Inspirado em um exercício do fichário de Viola Spolin) O exercício tem muitas variações, então mesclei com outra proposta, mudando o jogo para Foco/Passarela; consiste que os estudantes comecem a andar juntos em direção a um foco, de forma alinhada, atentando-se uns aos outros. Iniciam todos parados, conforme o primeiro do grupo se move, todos devem se mover, simultaneamente, com os mesmos pés, até chegar bem próximo ao público, parando para observar algo em específico que eles quiserem, por exemplo, se as pessoas que estão assistindo estão de meia. Na volta, precisam retornar juntos, fazendo o giro para o mesmo lado, mantendo o alinhamento, com o objetivo de chegarem juntos no ponto inicial. Como o próprio exercício explica, trabalha com foco, mas também, trabalha direção, tempo/ritmo, atenção e a relação entre os estudantes, que precisam perceber o outro e se conectar para tentar desenvolver as propostas da aula.

Sobre a Proposição: A turma se dividiu em dois grupos e cada um avaliou o outro, tentando decifrar qual era o foco de quem estava em cena, também avaliando se houve sintonia entre todos da fileira.

Jogo de Improvisação: Os estudantes conseguiram refazer a cena da balada (Relato I), no entanto, no momento em que se estabeleceu o conflito entre duas personagens, a mãe e a filha, novamente a solução para o conflito pensada foi o uso da violência física, tendo a personagem da mãe puxado o cabelo da personagem da filha.

Estendi um pouco o tempo da aula e pudemos fazer uma roda de discussão, na qual cada um pode expressar sua visão sobre a cena improvisada. (que não teve o cabo de vassoura)

Segue abaixo a transcrição com trechos da conversa (gravada pelo celular) feita em roda junto com estudantes⁶ e o professor que esteve comigo em algumas aulas.

Professora Fernanda: Galera, qual a opinião a respeito do que vocês fizeram na cena da balada? O que vocês pensam sobre os personagens?

Estudante A: Tem algo mais profundo aí... O problema não está só na atitude da filha.

Professora Fernanda: Então, você pode falar isso, por favor, novamente?

Estudante A: É porque não é só a filha que está errada, a mãe também está errada de não deixar a filha se divertir. Tudo bem, é mãe, é preocupada e tal... Mas têm vários lados da cena, entende? Tem o lado da mãe, tem o lado da menina e tem o lado do público que “estão” assistindo.

Professora Fernanda: Certo! E vocês acham que de repente a mãe... da outra vez a mãe.. a gente tinha ressignificado o cabo, e virou uma bengala e a mãe batia com a bengala. Dessa vez eu falei:

- Não vai ter isso! E vocês vão pensar uma outra forma dessa mãe interagir nessa situação. Até o estudante B falou: “Essa mãe podia dançar.” Eu falei: Putz, eles vão colocar uma mãe que vai chegar e curtir o rolê junto! Mas vocês preferiram ainda a discussão, o conflito, uma mãe ainda... é... partindo para uma agressão, um contato físico mais violento. E aí, o que que “ceis” acham disso? “Ceis” têm algo a dizer sobre isso?

Professor parceiro: O estudante C queria falar.

⁶ o nome dos estudantes foram anonimizados para proteger a privacidade deles.

Estudante C: É... eu queria falar sobre antes... Assim, o que a Estudante A falou, de “não deixar se divertir”, eu achei meio distorcido. Por exemplo, pais rígidos, criam filhos mentirosos. Se você não deixar ele ir, ele vai ir de qualquer forma! Vai mentir pra você.

Voz de outro estudante: escondido!

Estudante C: Vai sair escondido! Eu mesmo, não preciso, se eu pedir para minha mãe, por exemplo...é... teve a baladinha do ano passado... eu pedi para minha mãe, das sete até às dez. Minha mãe deixou.

Professora Fernanda: A balada aqui da escola? Outro estudante: não, a questão... É...

Professora Fernanda: A Balada aqui da escola?

Estudante C: Onde que é, com quem que eu vou tá e só.

Professora Fernanda: Ah, sim. Era balada aqui da escola?

João: É, baladinha da escola.

Professora Fernanda: A balada da escola é legal! E vocês aqui, alguma... Estudante D, cê tinha falado que...

Outra estudante: Eu posso falar?

Outro estudante: Que é melhor a filha tá presa...

Estudante D: É melhor a filha tá presa do que sair “dando o rabo” por aí! (risos)

Professora Fernanda: Uhh! Mas ela estava dançando, só.

Estudante D: dançando não! (falou mais alguma coisa que não foi possível compreender.).

Estudante E: Minha mãe fala assim, quanto mais você prende a pessoa, mais a pessoa vai mentir pra você. Então...

Professora Fernanda: É... acho que pode ser um equilíbrio, né? Não dá para só ir para a balada, não dá para só fazer o que quer.

Estudante F: Acho que filhos de pais liberais são mais “de boa”. Agora, filhos de pais conservadores não são muito “de boa”, não, porque eles querem viver. Eles querem tipo, sei lá...

Professora Fernanda: Vocês acham que prender muito é ruim? E soltar muito?

Voz de um estudante: preciso falar uma coisa que você falou...

Outra voz: Prender muito é ruim! Mas tudo tem limite!

Professoras Fernanda: Entendi, é um equilíbrio, né? Bom, mas a respeito da postura da mãe que vem e, de repente... A mãe e a irmã, né? A mãe de repente vai lá e puxa o cabelo, tal... Isso acontece na vida de vocês, assim, os pais geralmente... (risos)

Estudantes: Dependendo... (todos falam de uma vez...)

Estudante C: Minha mãe faria isso com a minha irmã. Minha irmã, meu irmão, porque meus irmãos...

Estudante A: Minha mãe, sim, minha mãe batia muito na minha irmã, e tipo... Nossa! Era muito forte, né... Era muito forte! Minha irmã mais nova apanhava muito da minha mãe, né... Aí, nossa! Eu vi essa cena e é muito difícil, entendeu? Entendeu?

Professora Fernanda: Então "ceis" fizeram meio que uma reprodução do que vocês já viram na vida de vocês?

Estudante G: É, tipo, minha mãe não me bate, mas ela fala:

- Quando eu te pegar, você vai ver!

Estudante D: "Se eu te pegar..." Minha mãe fala que ela é uma panela de pressão, ela vai esquentando até ela pegar e me "cacetar" de vez!

Professora Fernanda: Bom, gente, mais alguma coisa que vocês gostariam de falar? Vai, estudante C...

Estudante C: Assim, então... Google, ação! (Não entendi)

Estudante G: Ah, minha mãe fala assim:

- Se você não subir, você vai apanhar!

Aí eu falo, então eu não vou subir, vou para a casa da minha vó! (risos)

Aí minha mãe fala:

- Você quer ver eu descer aí, agora?

Aí eu falo:

- Calma! Eu vou subir.

Estudante C: Na época dos meus irmãos, a minha mãe era muito rígida, então eles saíam mesmo, escondido para o baile.

Eu não curto muito, depende do momento... Tem vez que eu tô mais festivo, tem vez que eu tô pra dentro, aí, né, eles iam muito para baile e minha mãe era muito de fazer essas coisas, então eles levaram muita porrada. Hoje em dia ela é mais tranquila.

Professora Fernanda: É... Eita! (O celular parou de gravar.).

Figura 4 - Jogo do Foco/Passarela (Variação de exercício do Fichário de Spolin.).



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 5 - Jogo de Improvisação. (Cena da balada sem o cabo de vassoura.).



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 6 - Roda de conversa sobre a cena.



Fonte: elaborado pela autora (2024)

- **Relato III (Aula de 12/09/2024)**

Procedimentos

Aquecimento: Caminhada pelo espaço com variação (Atividade presente no Fichário de Viola Spolin.). Fizemos o aquecimento, variando as possibilidades de caminhada e velocidade, níveis espaciais, com paradas, podendo mudar apenas o olhar de direção, também inseri provocações para que pudessem construir imagens, de maneira mais espontânea possível, a partir dos estímulos abaixo descritos:

Falta de ar

Fogo

Morte

Perseguição

Jogo: Parte do Todo (Atividade presente no Fichário de Viola Spolin), consiste em uma pessoa entrar e propor uma ação, e, conforme os outros vão compreendendo, podem, um a um, entrar para fazer a ação junto, mas como uma composição, um complemento da ação. (Não é um jogo que precisa ter falas.). Sugeri aos estudantes as palavras iniciais, para que pudessem pensar nas imagens que já tinham sido criadas no primeiro exercício. Percebi que os estudantes ficaram inseguros para tentar propor algo, então voltei a usar as palavras que serviram como estímulo, com o fim de que pudessem se encorajar. Aos poucos os outros foram entrando e compondo uma cena, como um quadro. Então o jogo sofreu uma variação. Conforme conduzi, os estudantes entraram, gradativamente, montando imagens, e, em meio a possibilidade de uma cena que demonstrava que algo pegava fogo, a ideia da morte surgiu como um assassinato, talvez porque tenha sugerido perseguição e morte, inicialmente.

Roda de conversa: Alguns estudantes disseram que o exercício ajudou na criação, que facilitou para se soltar, embora para outros, não tenha sido um grande desafio. (Havia selecionado manchetes de jornais para discutir sobre diferentes violências no contexto social, mas devida a falta de tempo, deixei para a aula da semana seguinte.).

Figura 7 - Jogo Parte do Todo com variação (Atividade apresentada no Fichário de Viola Spolin.).



Fonte: elaborado pela autora (2024)

- Relato IV (19/09/2024)

Procedimentos

Aquecimento: Exercícios simples de yoga, para mudança de estado do corpo, trabalhar respiração e a concentração; Exercício dos “Três níveis”: consiste em mover partes do corpo até engajar o corpo todo em uma expressão corporal, que pode se tornar uma dança, passando pelos três níveis espaciais (baixo, médio e alto) movendo todas as partes do corpo e se relacionando com o outro, conforme se sentir à vontade.

Jogo de Improvisação: Os estudantes se separaram em dois grupo e então voltamos com as manchetes, a fim de que pudessem montar improvisações baseadas nas histórias, no entanto, modificando certas ações, adaptando, de acordo com os

interesse deles; Um grupo montou a cena do episódio da cadeirada do candidato Datena ao candidato Pablo Marçal e o outro montou sobre as queimadas no Brasil. Tudo teve que ser explicado, para deixar claro de que não deveria ter viés partidário, mas poderia ser crítico, sem representação da violência de forma física, de preferência. (Meu parceiro e eu ficamos desconfiados de que eles iriam representar a cena do episódio da cadeirada tal como viram através das mídias, até porque as piadas acabaram tornando o episódio engraçado. Mas provocamos o grupo a pensar como a situação poderia ter sido diferente, se não houvesse agressão. O que eles poderiam criar, que não fosse bater? Poderia ser algo inusitado, para quebrar a expectativa do público, podendo ser engraçado também. Então eles pegaram uma tampa de uma caixa de plástico, para substituir a cadeira. O prof. Richard e eu orientamos quanto à possibilidade de não reproduzir a violência, pensando em outra solução, mas eles acabaram reproduzindo o que viram, trazendo humor, entretanto, não conseguiram superar o que já estava posto. Já o segundo grupo, da cena das queimadas, optou por tentar abordar a questão da corrupção, da violência que eles compreendem existir no sistema, mas sem utilizar de representação de violência física. A reportagem falava sobre os interesses do Agro em terras indígenas, por exemplo, e as perseguições a estes. A decisão de falar sobre a possível relação das queimadas envolvendo interesses políticos foi deles, assim como trazer para a cena a representação do jornalismo como forma de investigação e denúncia. A cena do grupo dois foi um pouco mais longa que a primeira, pois elas trouxeram à tona o problema de se acreditar em fake news e de votar em políticos que enganam a população. O grupo organizou a improvisação em cenas, com começo, meio e fim, deixando claro quem eram os personagens, onde a história se passava e como o envolvimento do político era desmascarado no debate. A denúncia exposta e a prisão do político corrupto não teve tiroteios e mortes.

Figura 8 - Caminhada com variação, diferentes níveis espaciais.



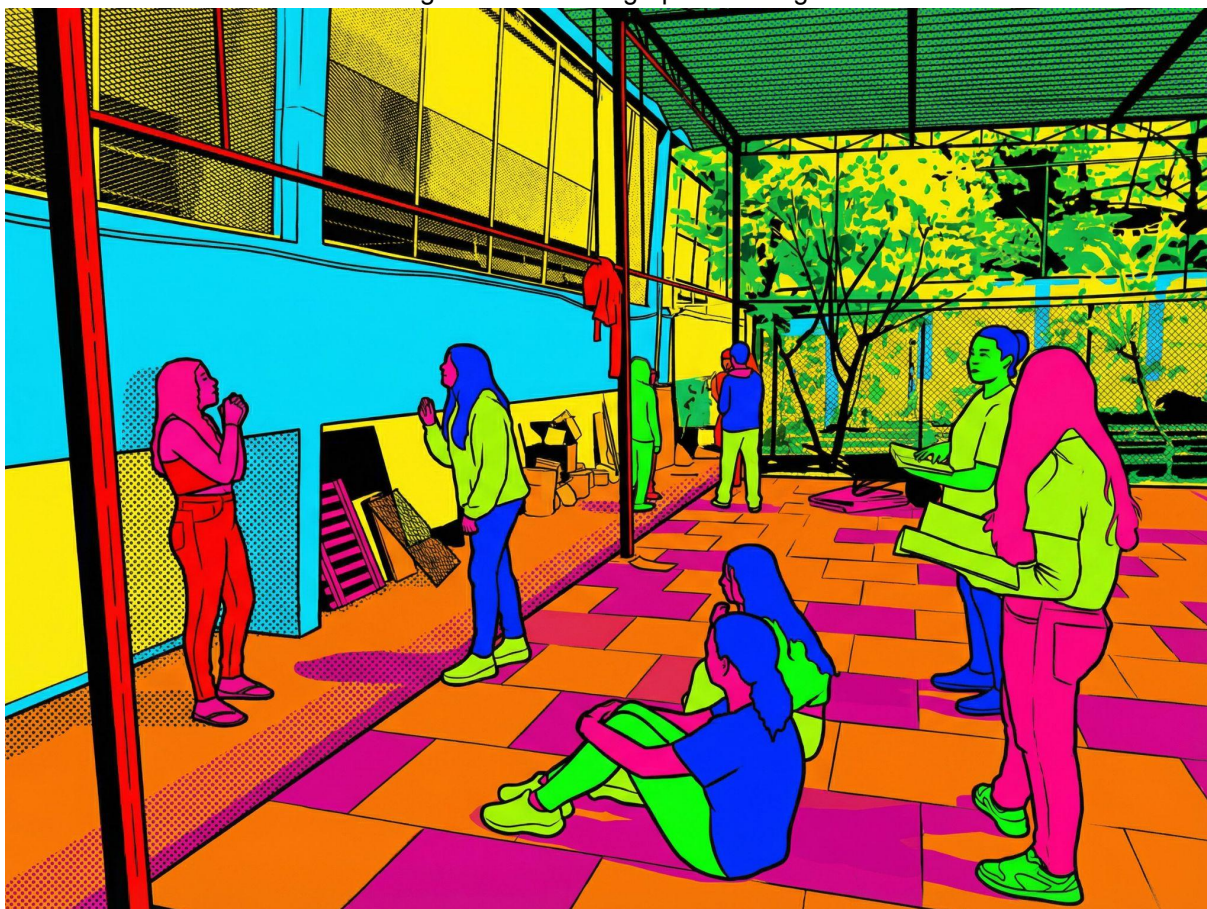
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 9 - Ensaio grupo I: cadeirada



Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 10 - Ensaio grupo dois: Fogo



Fonte: elaborado pela autora (2024)

3.3 “Jogos teatrais: Uma improvisação para o teatro”

O livro: *“Os Jogos teatrais: Fichário de Viola Spolin”* (2014) é um fichário que traz alguns dos jogos tradicionais que já constavam no primeiro, porém, em formato de fichas, além de também propor exercícios inéditos, os quais foram criados pela autora. Seus exercícios são uma junção de jogos populares, que se originam nas comunidades de bairros de imigrantes nas grandes cidades norte-americanas, voltados aos que não tinham acesso ao teatro.

O material, que também tem influência dos estudos de Stanislavski, tem a função de auxiliar professores e estudantes a compreender a estrutura da linguagem do teatro, inclusive para contribuir com o fazer teatral, como um guia que pode ser adaptado e até superado. Apesar disso, Spolin (2014) traz em seu manual de

introdução aos jogos, a ideia de que se trata de uma prática para todos, podendo propiciar “o prazer e a magia do teatro” em diferentes espaços, até mesmo dentro de uma sala de aula de ensino formal, auxiliando em processos de ensino/aprendizagem, com exercícios para pensar em solução de problemas em sala de aula, servindo como um respiro para romper um pouco com as disciplinas convencionais e com o espaço tradicional da sala, ampliando, assim, a capacidade de comunicação entre os estudantes e os professores, tornando as relações mais horizontais entre estes, e, possibilitando maior desenvolvimento da criatividade de forma intuitiva e espontânea.

Segundo Spolin:

ao participar dos jogos teatrais, professores e alunos podem encontrar-se como parceiros, no tempo presente, e prontos para comunicar, conectar, responder, experienciar, experimentar e extrapolar, em busca de novos horizontes. (Spolin, 2014, p. 20.).

O trabalho do/da artista da cena demanda um estudo sensível, além de muita imaginação, estratégias técnicas e preparo intelectual para desenvolver uma comunicação que comova e/ou que gere reflexão sobre a sociedade em que vivemos. Assim, os jogos também podem servir como meio para tornar mais vivo e espontâneo o fazer teatral, tanto para profissionais da cena quanto para estudantes no espaço escolar. Conforme escreve Koudela, citando Spolin, “o jogador, através dos jogos, pode se tornar artesão de sua própria educação.”. (Spolin, 2010 apud Koudela, 2010, p.17.).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste processo me perguntei muitas vezes se minha indagação a respeito da violência entre os estudantes nas aulas de teatro era justa, uma vez que não tinham graves ocorrências de agressões físicas na instituição, ou mesmo em minhas aulas. O que, no entanto, não significa que não tenha acontecido situações que preocupasse o corpo escolar, como um tipo de alerta. No ano de 2024, tivemos casos de estudantes que jogaram bombas no estacionamento e em frente à escola. (Felizmente, ninguém foi atingido.). Também tivemos um aluno sendo expulso por confusões com colegas, desrespeito aos funcionários da escola e por xingar professores. Uma das estudantes que participa das aulas de teatro, inclusive, foi suspensa por três dias na semana da Consciência Negra, por ter falado palavrão a um professor, que estava tentando dar aula a respeito do tema, e esta não permitia.

Estou há três anos na escola, onde atuo como professora do ensino formal e como arte educadora, poucas vezes soube de conflitos que pudessem ser considerados muito sérios entre os estudantes ou envolvendo seus familiares. Na tentativa de evitar e diminuir os poucos problemas que surgem, até para não tomarem proporções maiores e mais graves, a escola busca cumprir a lei municipal, realizando a mediação de conflitos prevista para as instituições de ensino da rede municipal. A Comissão de Mediação de Conflitos – CMC⁷, surge em 2015 no período da gestão do ex - prefeito Fernando Haddad (PT), e tem função de atuar como um meio de prevenção e resolução de conflitos no ambiente escolar, contando como protagonistas dessa mediação os próprios estudantes, os professores, a gestão e seus familiares. LEI [...] (2015). Os responsáveis buscam ajudar a identificar as causas dos problemas relacionados à violência, mas também estudam e dialogam sobre como evitá-los, tentando compreender a realidade da comunidade escolar como um todo e seu entorno.

A Escola Municipal Ernesto de Moraes Leme é uma instituição mais contextualizada, que busca fugir do padrão tradicional de ensino, levando em consideração o local onde se encontra e realizando um trabalho de valorização da cultura popular e da comunidade, o que já muda bastante a relação dos alunos com o espaço e com o corpo docente. Ainda sim, não é possível ignorar que a violência nos

⁷ LEI 16.134 de 12/03/2015; Dispõe sobre a criação de Comissão de Mediação de Conflitos CMC nas escolas da rede municipal de ensino da Cidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16134-de-12-de-marco-de-2015>

atravesse. São muitos os motivos e estímulos geradores de violência, e como afirma Han (2021) em seu livro, a violência não desaparece, ela se transforma. (Han, 2021, p.7) Na periferia, ela ainda é algo ostensivo, fisicamente e psiquicamente, visto que boa parte das famílias das regiões de periferia sofrem com o problema da ausência do poder público. Ou pior, sofrem com sua presença fortemente violenta, através da figura do policial. O que talvez possa explicar parte da violência que os estudantes de escola pública reproduzem entre eles.

Quando me senti impelida a pesquisar o problema da violência entre os estudantes, mais especificamente em decorrência das constantes cenas que eles traziam nas improvisações, contendo agressões físicas, assassinatos e xingamentos, estava começando a dar aulas de teatro e tinha acontecido dois casos no país, envolvendo pessoas que entraram em escolas e cometeram crimes, um foi o massacre de crianças em uma creche em Santa Catarina, onde pelo menos quatro crianças foram mortas, de acordo com o portal digital *Poder360*⁸. O outro, tinha acontecido há menos de um mês, de acordo com a notícia, um jovem de treze anos entrou em uma escola e matou a facadas uma professora idosa na cidade de São Paulo, deixando outras pessoas feridas. (Veloso et al., 2023) Então, ao ver que as improvisações dos estudantes recorriam a assassinatos como meio de resolução de conflitos instaurados por eles, comecei a pensar em estratégias para tentar colocar essa violência em discussão. Queria entender se parte daquelas propostas trazidas por eles era mera reprodução ou necessidade de lidar com o tema.

Tudo que não queria era me ver como alguém que olhasse as criações dos estudantes de forma verticalizada ou autoritária. Desgranges (2006) ao explicar sobre os jogos de improvisação, afirma que não cabe a quem está coordenando as oficinas de teatro estabelecer o que é bom ou ruim a respeito das cenas dos estudantes, mas sim, problematizar, como forma de provocar importantes reflexões acerca das escolhas artísticas feitas por estes. (Desgranges, 2006, p.90)

Fiquei em crise muitas vezes, refletindo se poderia ser moralista, se poderia ter uma interferência negativa por questionar a forma como os estudantes propunham

⁸ VELOSO, Natalia et al. Leia mais no texto original:

(<https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>) © 2024 Todos os direitos são reservados ao Poder360, conforme a Lei nº 9.610/98. A publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia são proibidas: ... A reportagem fala sobre a frequência com que as escolas públicas do país vem sofrendo ataques, com destacando para o fato de que nos últimos 12 anos, 52 pessoas morreram em atentados à instituições públicas de ensino do Brasil.

contar suas histórias, inibindo-os de alguma forma. Mas, através dos jogos propostos e de como as aulas foram conduzidas, a percepção foi de que os estudantes foram criando conexões mais significativas entre si, ampliando a capacidade de escuta, o desejo e a disponibilidade para criar coletivamente e discutir sobre as cenas. Ao trazer manchetes de jornais, por exemplo, com situações que poderiam induzir à violência, tinha a intenção de que os estudantes pudessem buscar outros meios de contar sobre aquelas histórias, sem reforçar mais violência. Mas houve uma falha no processo de condução, pois mesmo com indicações para que não se recorresse à violência, em uma das cenas trazidas pelos estudantes, houve a reprodução de um episódio violento.

Não acredito que os estudantes tenham que suprimir o que sentem, veem ou vivenciam, pois se estão colocando certas situações em cena, é porque há uma necessidade de falar sobre. No entanto, compreendo que é fundamental desenvolver o desejo de refletir a respeito do que é exposto, e, principalmente, sobre a forma, para que certas ações não sejam banalizadas. Então, não sei se posso afirmar que consegui criar uma consciência crítica quanto ao problema da violência que os estudantes trazem para o espaço das oficinas de teatro, apesar de termos conversado sobre isso e refletido a respeito. Em contrapartida, com os jogos e as improvisações, foi possível constatar a transformação na relação entre os participantes das oficinas e com as propostas que trouxemos.

Os estudantes foram se mostrando cada vez mais abertos e empolgados com as aulas, conectando a prática do ato de jogar com a improvisação, pois a experiência de jogar junto fez com que o ambiente se tornasse mais seguro, justamente para que questões delicadas, como o problema da violência, por exemplo, pudessem ser discutidas, mesmo que não com a complexidade e profundidade devida.

A possibilidade de construir processos de forma coletiva, pode levar os jovens a questionar e querer superar certos paradigmas sociais, principalmente com relação à violência e a noção de poder. Pelo caminho até aqui, posso afirmar que percebo o crescimento da turma, especialmente por decorrência dos exercícios com base nos Jogos teatrais e de Improviso de Viola Spolin, além dos diálogos que foram estabelecidos entre nós, que também contribuíram para uma interação mais gentil, respeitosa e sem tantos julgamentos. Alguns alunos que não foram receptivos comigo, no começo, estão se relacionando tranquilamente, não demonstrando mais

desconfiança e resistência. Entendo que as conquistas acima se devem ao fato de que o teatro é uma das experiências artísticas com caráter primordial de comunicação.

No mundo antigo, segundo explica Courtney (2010), o teatro foi um importante instrumento educacional, como meio de difundir conhecimento através de representação de obras literárias, entre outras funções, que estabelecia um diálogo com a sociedade. Concordando com Courtney, que diz que o teatro é um fenômeno social, no qual se desenrola a personificação e identificação, entendo que é uma prática que viabiliza as relações interpessoais. O autor afirma que desde a infância, o ser humano joga dramaticamente com o meio para tentar compreendê-lo. (Courtney, 2010, p.135). Cartaxo (2001) afirma que se trata de uma linguagem que sempre conduziu a humanidade, não sendo restrita apenas a um determinado grupo de pessoas. E salienta que “em cada lugar que passa, o teatro tem sua pretensão social, artística e ritualística, sendo um espaço de trocas sensíveis e provocativas, que pode contribuir para se repensar novas possibilidades de convivência.” (Cartaxo, 20021, p. 38).

O exercício de se colocar no lugar do outro, pode auxiliar na percepção de que existem diferentes pontos de vista sobre uma mesma história, e que qualquer avaliação da situação, exige um mínimo de empatia e sensibilidade, além de compreensão do contexto. A formação para o conhecimento de práticas teatrais proporciona que desde cedo o indivíduo possa alimentar o interesse pela contemplação de diversas experiências teatrais, entre outras artes, se sentindo aberto para a fruição de diferentes obras. Portanto, trabalhar com jogos e improvisação teatral no ambiente escolar se faz necessário, como meio de habilitar indivíduos a desenvolverem um hábito de ir ao teatro, mas também para tomarem gosto por leitura, pois a prática possibilita a expansão das ideias, o interesse pela busca de diferentes repertórios culturais, fazendo com que a percepção sobre a humanidade e seu entorno se torne mais sensível.

De acordo com Michalski “não há como esperar que um estudante possa ter admiração e/ou interesse pelo teatro sem criar o hábito, sem falar sobre e/ou proporcionar alguma experiência artístico-pedagógica”. (Yan Michalski apud MEC - Serviço Nacional de Teatro, 1976, 21).

Portanto, concluo que o trabalho com os jogos teatrais foram essenciais para a construção de um espaço de confiança e de troca com os estudantes, servindo como instrumento para o processo de construção da sensibilização crítica que, tendo mais recorrência, possivelmente poderia promover mudanças de olhar e postura a respeito de temas difíceis e/ ou polêmicos, quem sabe alimentando a noção sobre senso de comunidade, sobre a importância de se construir uma sociedade mais justa, criativa, mais empática e menos violenta.

REFERÊNCIAS

BATISTA JR, João. **Tragédia antes da aula: A morte de um aluno bolsista do Colégio Bandeirantes que não estava sofrendo em silêncio**. Revista Piauí, São Paulo, 21 ago 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/suicidio-aluno-colegio-bandeirantes/>. Acesso em: 20 nov 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Serviço Nacional do Teatro. Teatro na educação: subsídios para seu estudo. Rio de Janeiro: Apex Gráfica e Editora Ltda, 1976. (Coleção Cartilhas de Teatro).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p.

CARTAXO, Carlos. **O ensino das artes cênicas na escola Fundamental e Média**. 1ª ed. João Pessoa: UFPB - Gráfica JB, 2001.

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro e pensamento**. Tradução: Karen Astrid Müller e Silvana Garcia. São Paulo. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DERVICHE, Andre. **Dados mostram que oito em cada dez jovens já presenciaram atos de violência nas escolas**. Jornal USP, São Paulo, 28/07/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/dados-mostram-que-oito-em-cada-dez-jovens-ja-presenciaram-atos-de-violencia-nas-escolas/>. Acesso em: 20 nov 2024.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec (Edições Mandacaru), 2006.

DIÁLOGO. In: Michaelis. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>. Acesso em 08 nov 2024.

GLOBO (Santos). G1 (ed.). **Sindicato quer comissão contra violência escolar após a professora ser agredida em Guarujá, SP**. 20 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/educacao/noticia/2024/09/20/sindicato-quer-comissao-contr-violencia-escolar-apos-professora-ser-agredida-em-guaruja-sp.ghtml>. Acesso em: 20 nov 2024.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HENRIQUE, Layane. **Por que os casos de violência escolar têm aumentado?**

Politize!, [S. l.], 5 nov. 2023. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/violencia-escolar/>. Acesso em: 20 nov 2024.

INVENTING Improv: A Chicago Stories Special Documentary. Chicago: WTTW, 2021. 1 vídeo (58:16). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bQLIS1ZeNgw&t=394s>. Acesso em: 20 nov 2024.

SÃO PAULO. **LEI Nº 16.134 de 12 de Março de 2015: Dispõe sobre a criação de Comissão de Mediação de Conflitos – CMC nas escolas da rede municipal de ensino da Cidade de São Paulo e dá outras providências..** Legislação Municipal, [s. l.], 12 mar 2015. Disponível em:

[https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16134-de-12-de-marco-de-2015#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de,Paulo%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.&text=Paulo%20Fiorilo%20%E2%80%93%20PT\)-,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20Comiss%C3%A3o%20de%20Media%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conflitos,Paulo%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias](https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16134-de-12-de-marco-de-2015#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de,Paulo%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.&text=Paulo%20Fiorilo%20%E2%80%93%20PT)-,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20Comiss%C3%A3o%20de%20Media%C3%A7%C3%A3o%20de%20Conflitos,Paulo%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias). Acesso em: 20 jan. 2025.

KOUDELA, Ingrid. **Texto e Jogo.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

MELO, Carla. **Como o aumento da violência nas escolas afeta o professor?**

Nova Escola, [S. l.], 29 set. 2022. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/21354/como-o-aumento-da-violencia-nas-escolas-afeta-o-professor>. Acesso em: 20 nov 2024.

PALHARES, Isabela. **Casos de violência e ameaças aumentam 48% em escolas de São Paulo: suas consequências e como combatê-las.** Folha de São Paulo, São Paulo, 9 abr. 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/04/casos-de-violencia-e-ameacas-aumentam-48-em-escolas-de-sao-paulo.shtml#:~:text=Quando%20toca%20o,evitar%20brigas>. Acesso em: 20 nov 2024.

PITANGA, G. et al. **Bullying e Violência Escolar - Suas consequências e como combatê-las.** UNICEF - BRASIL. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/blog/bullying-e-violencia-escolar>. Acesso em: 09/10/2023.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2010.